

# NOTAS SOBRE O HOMOEROTISMO EM *BOM-CRIOU- LO*, DE ADOLFO CAMINHA *NOTES ON HO- MOEROTISM IN BOM-CRIOULO, BY ADOLFO CAMINHA*

Rodrigo Manoel da Silva<sup>1</sup>  
Leonilda de Oliveira<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo analisa a configuração do homoerotismo no romance *Bom-Crioulo* (1895), do escritor cearense Adolfo Caminha, obra essa pertencente ao contexto do Naturalismo brasileiro, movimento literário do final do século XIX que buscava uma literatura fundada na verdade, na exposição crua e direta das relações humanas. Nesse sentido, as análises percorrem a textualização do homoerotismo na prosa em questão, bem como discute noções sociais sobre repressão e sexualidade representadas na prosa em questão.

**Palavras-chave:** Homoerotismo; Bom-Crioulo; Naturalismo; Sociedade.

**Abstract:** This article analyzes the configuration of homoeroticism in the work *Bom-Crioulo* (1895), by the Rio de Janeiro writer Adolfo Caminha, a work belonging to the context of Brazilian Naturalism, a literary movement from

---

1 Mestrando no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Contato: rodrigo.silva@unemat.br

2 Mestranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT. Contato: leonilda.oliveira@unemat.br

the end of the 19th century, which sought literature based on truth, on raw exposition and direct human relations. In this sense, the analyzes cover the textualization of homoeroticism in the prose in question, as well as discussing social notions about repression and sexuality represented in the novel.

**Keywords:** Homoeroticism; Bom-Crioulo; Naturalism; Society.

*“Estremeci e, transido de amor, de  
piedade, de ternura, depus entre os seus  
olhos fechados o mais terno, o mais  
amoroso e o mais piedoso dos beijos”  
(O Imoralista, André Gide)*

Na sua obra à *Formação da Literatura Brasileira*, Antonio Candido, aborda a existência de uma tradição literária brasileira, observando a presença, no país, desde meados do século XVIII, de uma “continuidade ininterrupta de obras e autores, cientes quase sempre de integrarem um processo de formação literária” (1993, p. 24). Autores que partilham determinados conceitos, tais como a linguagem, os temas e os traços de natureza psíquico-social, sendo que essa partilha se edifica por meio da aceitação ou da rejeição dos pontos em comum entre esses polos.

Nas palavras dos pesquisadores Flávia Gangorra Paiva e Juscelino Francisco do Nascimento:

Bom-Crioulo teve sua primeira edição publicada em 1895. Apesar de não ser considerada, por vários críticos, uma das grandes obras de destaque do Naturalismo, ele é consagrado o primeiro romance brasileiro de literatura gay. Thomé constata que “na verdade, não seria nenhum exagero afirmar que Bom-crioulo representa um marco na história da literatura gay universal.” Ao contrário de outras obras naturalistas, o homoerotismo masculino é a

temática que norteia esse romance (Paiva, 2016, p. 72).

Isto posto, ao contrário do que ocorre em outras obras naturalistas, o homoerotismo masculino é a temática central que norteia esse romance, tendo em vista que nas obras *Um homem gasto* (1885), de Ferreira Leal, *O Ateneu* (1888), de Raul Pompeia e *O Cortiço* (1890), de Aluísio de Azevedo a questão da homossexualidade não foi destacada. Na época de sua publicação, a obra de Caminha foi recebida com caráter escatológico pela crítica literária e, não obstante, com certo silêncio por parte do público, devido a ousadia do escritor na abordagem de um tema até então considerado tabu, trazendo uma narrativa que retrata a homossexualidade no ambiente militar e inter-racial, (um homem negro e escravo fugido; Amaro, vulgo Bom-crioulo, e um jovem rapaz branco, Aleixo).

É possível pensar que Adolfo Caminha tenha se inspirado na atmosfera densa e intimista de *O Barão de Lavos*, romance português de 1891, publicado pelo escritor Abel Botelho, que é considerada a primeira obra de língua portuguesa a trazer a temática das relações homoafetivas como pauta. Por isso, a trajetória amorosa de Amaro e Aleixo não é inovadora, mas é a publicação com maior impacto dentro deste segmento temático.

No geral, os críticos da época expressaram opiniões controversas em relação ao romance, fundamentando-se, basicamente, na maneira pela qual a relação homoerótica foi retratada, rotulando o livro como uma obra de caráter obsceno, profano e promíscuo, além de vincularem os fatos narrados no romance à vida pessoal do autor. Um dos críticos mais ferrenhos à obra foi Valentim Magalhães, um dos membros fundadores da Academia Brasileira de Letras. Todavia, por ser extremamente

conservador em algumas de suas opiniões, teceu comentários carregados de crítica e acidez com relação a *Bom-crioulo*. Segundo apontado por Howes (2005), na coluna “Semana Literária”, da edição de 20 de novembro de 1895, do jornal *A Notícia*, Magalhães, afirmou o seguinte:

[...] não é um livro travesso, alegre, patusco, contando cenas de alcova ou de bordel, ou noivados entre as ervas, à lei do bom Deus, como no *Germinal*... nada disso. É um livro ascoroso, porque explora – primeiro a fazê-lo, que eu saiba – um ramo de pornografia até hoje inédito por inabordável, por antinatural, por ignóbil. Não é pois somente um livro faisandé: é um livro podre; é o romance-vômito, o romance-poia, o romance-pus. (Magalhães, 1895, p. 1 apud Howes, 2005, p. 173-174).

Isto mostra que, apesar de o narrador de *Bom-Crioulo* classificar a relação afetiva entre Amado e Aleixo como sexualmente desviante, os aspectos mais importantes do romance são a clareza das descrições e a atitude compromissada do autor com relação ao tema principal – a homossexualidade. Por esse motivo, na época de sua publicação, o livro foi censurado e durante muito tempo ficou relegado ao plano da subliteratura. É possível perceber, pelo título da obra, que a questão racial também se faz presente, no entanto, o foco da narrativa é o homoerotismo delineado na relação entre dois homens. A narrativa de *Bom-Crioulo* inicia apresentando o ambiente viril e machista que circunda a vida militar, mais especificamente, na marinha. Na prosa de Caminha, personagens masculinos são castigados com requintes de tortura psicológica, além de física, por terem feito algo que, aos olhos de seus superiores, merecia punição. Lê-se na obra:

Aproxime-se, disse o comandante imperiosamente, carregando na voz e no semblante. [...]. Queria-se ver o Amaro, o célebre, o terrível Bom Crioulo. Fez-se a nova leitura do código em voz lenta e cadenciada de ofício religioso, e o comandante, formalizando-se dentro de sua farda justa e luzida: - Sabe por que vai ser castigado? (Caminha, 1991, p. 78)

A sexualidade se manifesta inicialmente na masturbação, consequência fisiológica do isolamento social a que são relegados os marinheiros, que passam grandes períodos navegando e assim não possuem outra forma de satisfação sexual e na luxúria dos encontros amorosos. O personagem Herculano é flagrado se masturbando, fato esse que o leva a uma briga com o seu delator e a uma consequente punição de chibatadas a ambos pela confusão. Observemos o trecho:

Ora, aconteceu que, na véspera desse dia, Herculano foi surpreendido, por outro marinheiro, a praticar uma ação feia e deprimente do caráter humano. Tinham-no encontrado sozinho, junto à amurada, em pé, a mexer com o braço numa posição torpe, cometendo, contra si próprio, o mais vergonhoso dos atentados. [...] No convés brilhava a nódoa de um escarro ainda fresco: Herculano acabava de cometer um verdadeiro crime não previsto nos códigos, um crime de lesa-natureza, derramando inutilmente, no convés seco e estéril, a seiva geradora do homem. Grande foi o seu desapontamento ao ver-se apanhado em flagrante naquela grotesca situação (Caminha, 1991, p. 05).

Dominados pelos instintos, os indivíduos se entregam à preguiça e à degeneração. Sendo assim, as discussões a respeito

da sexualidade ainda constituíam um tabu em uma sociedade que não estava acostumada com as falas e vozes sobre essa temática, uma vez que tais situações são bem recentes na história da humanidade. Dessa maneira, ainda é preciso se debater mais sobre o assunto, pois a sociedade é reflexo de uma cultura voltada ao extremismo e ao conservadorismo religioso, filosófico e, até mesmo, biológico.

Nesse sentido, Foucault assevera:

O próprio termo “sexualidade” surgiu tardiamente, no início do século XIX. É um fato que não deve ser subestimado nem super interpretado. [...] O uso da palavra foi estabelecido em relação a outros fenômenos: o desenvolvimento de campos de conhecimentos diversos (que cobriram tanto os mecanismos biológicos da reprodução como as variantes individuais ou sociais do comportamento); a instauração de um conjunto de regras e de normas, em parte tradicionais e em parte novas, e que se apoiam em instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas; como também as mudanças no modo pelo qual os indivíduos são levados a dar sentido e valor à sua conduta, seus deveres, prazeres, sentimentos, sensações e sonhos (Foucault, 1984, p. 9).

Amaro, vulgo Bom-crioulo, ao mesmo tempo que possui uma postura de servidão e obediência, por algumas vezes durante a narrativa assume atitudes ofensivas e perigosas, tanto para ele, quanto para os demais, envolvendo-se em brigas e agressões, conforme notado no trecho a seguir:

O senhor não me provoque...Arrebento-lhe a cara, seu galego, aqui mesmo! O homem perdeu a calma. Nos seus olhos fulgurou um

clarão de raiva, o sangue tomou-lhe o rosto, o remo caiu-lhe da mão, e, investindo para Bom-crioulo, quis derrubá-lo corpo a corpo, naquele instante. [...] Abriu-se a luta imediatamente. O cais, todo o espaço entre as duas estações marítimas, coalhou-se de gente rumorosa, alvoroçada, que vinha de todos os ângulos da praça numa precipitação de avançada (Caminha, 1991, p. 95).

As instabilidades emocionais de Amaro possuem algumas camadas que permeiam sua condição subalterna de escravo fugido, como por exemplo, a cor de sua pele, a própria opressão social do século XIX, e, claro, sua condição sexual desviante dos padrões sociais. Bom-Crioulo passa da submissão à instabilidade comportamental em função do afloramento de seus desejos, excitados pela presença de Aleixo. Este, por sua vez, igualmente escravo dos instintos, vê-se tão envolvido pelo macho que o submete – e, também, pela fêmea que o seduz – o que de certa maneira acaba contrastando com a figura viril e erótica que configura o personagem.

Amaro conhece Aleixo durante o serviço na marinha e logo se afeiçoa ao rapaz, fazendo-o seu protegido, ao passo que criam um laço de amizade. No entanto, Amaro desejava Aleixo como um homem heterossexual deseja a uma mulher e logo esta relação de amizade viria a se tornar algo mais íntimo e profundo, até que ambos se tornem amantes. A homoafetividade aparece aqui como o terrível “princípio do segredo” (Foucault, 1988), o discurso implícito que deixa pistas para aguçar a mente curiosa e perceber a presença da relação dos dois homens. Além disso, corrobora também no imaginário sociocultural empírico sobre a cultura ocidental de “(...) nossa sexualidade contida, muda, hipócrita (...) e em torno do sexo, se cala” (Foucault, 1988, p. 9).

Tal fato promove a refletirmos que “não só a homossexualidade, sozinha e isolada, é pouco conhecida, discutida

Ao desembarcarem no Rio de Janeiro vão à procura de um lugar para ficarem e acabam por alugarem um quarto na pensão de D. Carolina, uma velha conhecida de Amaro. Como trabalhavam no mesmo navio, sempre que atracavam retornavam juntos ao quarto alugado. Vivem assim por um ano, até que Amaro é chamado a serviço de outra embarcação. Na ausência de Amaro, D. Carolina seduz Aleixo e os dois passam a viver um romance. Assim, pode-se pensar que, antes, quando se relacionava com Amaro, Aleixo sofria do “vício da homossexualidade”, no entanto, se regenera, já que, segundo Thomé (2009), o romance tenta perpassar a “(...) ideia de que a mulher teria o poder de salvar um sujeito de seus desejos sexuais de caráter desviantes, de que um homossexual poderia ser “curado” a partir da intervenção amorosa e sexual direta de uma mulher”. Considerando isso, compreende-se que, graças à intervenção de D. Carolina, Aleixo deixou de padecer de uma suposta patologia sexual, no caso, a homossexualidade.

Sentindo saudades do amado, Amaro desobedece às ordens de seus superiores e atraca no Rio de Janeiro. Vai até a pensão e não encontra Aleixo no quarto, o mesmo segue até um bar onde se embriaga e acaba metido numa confusão, conseqüentemente é preso, recebe um castigo muito duro que o leva a ser hospitalizado. Manda um bilhete apara Aleixo, porém quem recebe o tal bilhete é D. Carolina que o rasga. Por achar que havia sido trocado, Amaro resolve fugir do hospital e descobre que Aleixo e D. Carolina estavam vivendo um romance, Amaro e Aleixo acabam discutindo e no calor da emoção Amaro disfire

um golpe certo de navalha em Aleixo que agoniza e vem a óbito ali mesmo em passeio público, na frente das pessoas que transitavam.

Nas palavras de Franconi (1997), “a homossexualidade não assumida e vivida na clandestinidade atinge dimensões peculiares dentro do jogo pelo poder. Segundo o autor, “por não enquadrar numa sociedade enformada de padrões heterossexuais restritos, passa a ser uma ameaça constante ao sistema”. Esta situação vivida pelos dois na obra, torna a clandestinidade como uma forma de impedimento para que o amor que sentiam pudesse ser aflorado de forma recíproca e verdadeira, já que a sociedade da época ainda encarava as relações homoafetivas como um tabu, antinatural e desviante.

A imagem da multidão dispersando-se e caindo na “habitual correria e monotonia, no eterno vaivém” das cidades, não é, apenas uma característica do movimento naturalista que aponta para uma visão determinista da vida; mas, é também a indiação predisposta de que quando uma sociedade não é solidária, empática e não se preocupa verdadeiramente e humanamente com o “outro”, acaba por perpetuar preconceitos e comportamentos que tendem a ser nocivos. Lê-se no trecho final do romance:

A rua enchia-se de gente pelas janelas, pelas portas, pelas calçadas. Era uma curiosidade tumultuosa e flagrante a saltar dos olhos, um desejo irresistível de ver, uma irresistível atração, uma ânsia! Ninguém se importava com o outro, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre as baionetas, à luz quente da manhã: todos, porém, queriam ver o cadáver, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga..., Mas, um carro rodou, todo lúgubre, todo fechado, e a onda dos curiosos foi

se espalhando, se espalhando, a té cair tudo na monotonia habitual, no eterno vaivém (Caminha, 1991, p. 110).

Apesar do romance ter sido escrito e publicado num contexto histórico em que a homossexualidade era difundida nos discursos jurídicos e médicos como doença e crime, e apesar de o vocabulário usado pelo narrador ao longo do romance ser pejorativo quando relacionado com a homossexualidade. O homoerotismo e a relação homoafetiva, encarados no romance de Caminha como vício, perversão ou desvio sexual, é tratado, portanto, através de um olhar naturalista e, conseqüentemente, sem um enfoque nos sentimentos despertados pelas personagens; assim como também, as personagens estão acorrentadas às leis deterministas (não há drama de consciência ou mesmo drama moral).

Deste modo, o tom moralista que por vezes brota da narrativa em *Bom-Crioulo* não se torna uma hipotética visão preconceituosa e moralista do autor, mas, sim, como uma discussão direta com a maneira com que as práticas desviantes sexuais e, por extensão, a homossexualidade e o homoerotismo eram encarados no meio social retratado. As críticas a *Bom-Crioulo* atravessariam o século XX. De acordo com Trevisan (2011), o romance foi, durante décadas, proibido em bibliotecas e escolas públicas.

Com uma narração em terceira pessoa, ou seja, por um narrador onisciente, é possível perceber que as inúmeras descrições que aparecem no romance, condizentes com a estética naturalista que privilegia a observação meticulosa dos fatos, buscam não se confundir com a história, nem com as personagens.

No entanto, muitas vezes esse narrador interfere na história, tecendo comentários a respeito de certas circunstâncias do enredo. Logo no início da história, por exemplo, há um comentário explícito, destacado aqui em itálico: “A velha e gloriosa corveta – que pena! – já nem sequer lembrava o mesmo navio de outrora” Caminha (1991, p. 11). Tal operação, que retrata também um dos espaços da narrativa, ocorre em dois espaços distintos: no mar, a bordo de uma corveta, e, na Rua da Misericórdia, em um quarto da pensão, localizado nos subúrbios do Rio de Janeiro, nos fins do século XIX. Os dois lugares são descritos em seus aspectos mais degradantes e subalternos, ressaltando a condição de miséria daqueles que aí vivem.

Erich Auerbach comenta, sobre a visão que Balzac tentava passar ao leitor sobre a influência do meio em seus personagens, dentro do contexto histórico e social. Lê-se:

Balzac sentiu os meios, por mais diferentes que fossem, como unidades orgânicas demoníacas até e tentou transmitir esta sensação ao leitor. Ele não somente localizou os seres cujo destino contava seriamente, na sua moldura histórica e social perfeitamente determinada, como o fazia Stendhal, mas também considerou esta relação necessária: todo espaço vital torna-se para ele uma atmosfera moral e física, cuja paisagem, habitação, móveis, acessórios, vestuários, corpo, caráter, trato, ideologia, atividade e destino permeiam o ser o humano, ao mesmo tempo que a situação histórica geral aparece, novamente, como atmosfera que abrange todos os espaços vitais individuais. (Auerbach, 1978, p.423)

Nas palavras de Bakhtin (2010, p.74), o romance caracteriza-se como pluriestilístico, ou seja, trata-se de um

fenômeno heterogêneo, no qual se encontram várias línguas, estilos e vozes. Para o autor, “O romance é uma diversidade social de linguagens organizadas artisticamente, às vezes de língua e de vozes individuais”. É devido ao plurilinguismo social e as diversas vozes que o romance possui que ele expressa todos os seus temas, o seu universo. Na obra de Caminha, esta heterogeneidade se constrói com a abordagem plural da narrativa, levando os protagonistas por inúmeros caminhos, retratando na narrativa uma linguagem mais coloquial e próxima da sociedade da época.

Outra situação que merece destaque é o fato de em *Bom-Crioulo* ocorrer uma intertextualidade que engendra o amor romântico por meio da subversão do par amoroso, constituído, na obra, por dois homens, o que seria quase impossível para a geração do Romantismo, por exemplo.

O homoerotismo em *Bom-Crioulo* é uma ponte para que se reflita sobre algo maior, a saber: até que ponto somos livres para decidirmos sobre nossas vidas, seja no caráter social e/ou amoroso? Praticamente tudo na obra remete a essa questão. Ao longo da narrativa, é criada uma estabilidade matrimonial efêmera, mas ao mesmo tempo verdadeira e recíproca, pelo menos no início da relação entre os dois. É digno de nota o que acontece entre Amaro e Aleixo, quando se fecham no quartinho de pensão, pois, nesse momento, Amaro mais se delicia em admirar o corpo do seu amado do que com o prazer sexual. Ou seja, a contemplação se faz mais presente do que o ato carnal, partindo, inclusive, para uma experiência contemplativa do erotismo.

De modo panorâmico, parece que Aleixo, além de dar ao protagonista uma identidade, concede também um sublime senso estético, ou algo próximo disso. É uma evolução, de

certa maneira, que faz com que a relação homoafetiva da narrativa seja averiguada com certa naturalidade literária e, concomitantemente, movida por um caráter escatológico notado pela crítica da época.

## Referências

AUERBACH, Erich. *Mimesis: a representação da literatura na literatura ocidental*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

AZEVEDO, Aluísio. *O Cortiço*. São Paulo: Ciranda Cultural, 2007.

BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. 6 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

BOTELHO, Abel. *O Barão de Lavos*. Porto: Livraria Chardron, de Lello & Irmão 1920.

CAMINHA, Adolfo. *Bom-Crioulo*. Rio de Janeiro: Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, 1991.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. 9º. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.

CANDIDO, Antonio. *Formação da Literatura Brasileira*. 7. ed. Belo Horizonte-Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993.

FERREIRA LEAL, Lourenço. *Um homem gasto: episódio da história social do XIX século – estudo naturalista*. Rio de Janeiro: Matheus, Costa & C., 1885.

FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: o uso dos prazeres*. Tradução Maria Thereza da Costa Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

FRANCONI, Rodolfo A. *Erotismo e poder na ficção brasileira contemporânea*. São Paulo: Annablume, 1997.

GIDE, André. *O Imoralista*. Trad.: Theodomiro Tostes. 4. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

HOWES, R. *Raça e sexualidade transgressiva em Bom-Crioulo de Adolfo Caminha*. Graphos, Revista da Pós-Graduação em Letras – UFPB, João Pessoa, v. 7. n. 2/1, 2005. p. 171-190.

PAIVA, Flávia Gangorra; NASCIMENTO, Juscelino Francisco do. *Entre a audácia, a paixão e o prazer proibido: o homoerotismo em Bom-*

crioulo de Adolfo Caminha. Artigo. *Temporalidades* – Revista Discente do Programa de Pós-Graduação em História da UFMG. v. 7, n. 3 (set./dez. 2015) – Belo Horizonte: Departamento de História, FAFICH/UFMG, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5597>. Acesso: 21 de abril de 2023

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. 3ª ed. São Paulo: Martin Claret, 2000.

THOMÉ, Ricardo. *Eros Proibido: as ideologias em torno da questão homoerótica na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Razão Cultural, 2009.

TREVISAN, J. S. *Devassos no paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 8a ed. Rio de Janeiro: Record, 2011.